Preços agrícolas

Aquecimento da agroinflação

OS ESPECIALISTAS apontam a necessidade de consumo de alimento, no mínimo, de 2.500 calorias diárias. Assim, abaixo dessa quantidade, fica instalado o estado crítico da fome, que possui dois tipos de tratamento. O primeiro, endêmico, significa subnutrição, que avassala cerca de 925 milhões de pessoas concentradas na Ásia (580 milhões), África (240 milhões) América Latina e no Caribe (55 milhões). O segundo, considerado epidêmico, diz respeito à escassez temporária de víveres, em face das guerras e dos desastres naturais.

Comumente, a ênfase de preocupação e da análise sobre a fome sempre foi depositada no primeiro enfoque, bastante associado à falta de renda das pessoas. Daí, a segurança alimentar inserir no seu conceito o acesso a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente. Mas os acontecimentos recentes impõem revisões e ampliam a ótica dessa questão secular. Desde meados da década passada, os preços das *commodities* agrícolas entraram em alta desenfreada por um conjunto de fatores novos e antigos.

Dentre os aspectos inéditos fazem parte a mudança climática, o aquecimento global e a ocorrência de eventos extremos em importantes áreas agrícolas do mundo. Apesar do conhecimento dos seus impactos ainda ser uma incógnita, esses três pontos influenciam o desempenho da agricultura mundial e o comportamento do mercado. A partir das estiagens nas regiões produtoras de cereais no Leste Europeu, em meados do ano passado, as cotações das *commodities* agrícolas voltaram a subir e não mostram até agora sinais de fraqueza.

O impacto desse movimento no custo do alimento para as pessoas não ficou restrito às regiões do planeta com quadro de pobreza crônica. Milhares de consumidores foram afetados. Está certo que isso aprofundou a situação dramática, como a da Somália, no continente africano. No entanto, esse contexto ajudou a trazer instabilidade e revolta social em outros lugares, como nos países árabes do norte africano.

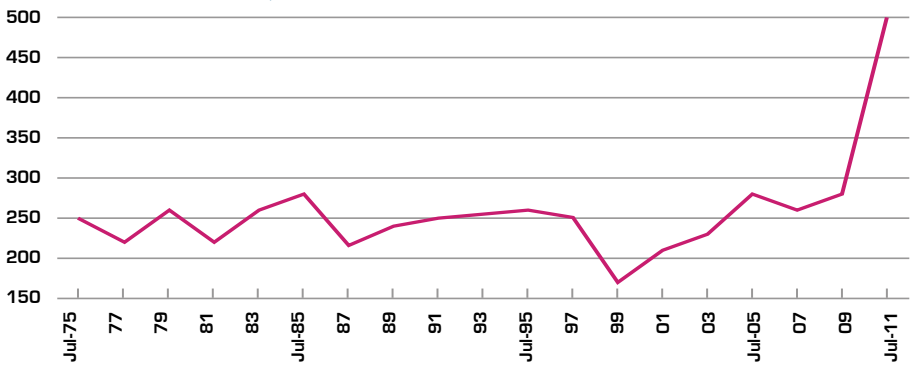
Tudo isso frustrou a Meta do Milênio, fixada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) de reduzir a fome no mundo em 50% até 2015. Naquela oportunidade, a estimativa era de que 840 milhões de pessoas passariam fome em todo o globo, abaixo da projeção corrente, de 925 milhões.

As evidências são fortes das dificuldades correntes na conjuntura atual de:

- Aumento populacional para nove bilhões de pessoas em 2050;
- Falta de água para consumo para 1,2 bilhão de pessoas;
- Inexistência de saneamento básico para dois bilhões de pessoas;
- Um quinto do solo mundial apresentar algum estágio de degradação;
- Maior renda dos países emergentes;
- Expansão maior da demanda por alimentos;
- Urbanização e novos hábitos alimentares.

Então, sem saída para erradicar a fome no mundo, a FAO empurrou para 2050 a meta de reduzir pela metade o número de pessoas com fome. É muito tempo para uma prioridade tão essencial. ■

Evolução do Índice CRB Foodstuffs Sub-index



Fonte: CRB. 1967=100

Importância do G-20

Para combater a pobreza, mudar o quadro institucional e desenvolver políticas públicas favoráveis à produção agropecuária, é preciso fortalecer o G-20 – grupo de países em desenvolvimento, criado em 20 de agosto de 2003, na preparação para a V Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizada durante setembro de 2003, em Cancún, no México.

Atualmente, o G-20 de países emergentes possui 23 países membros de diferentes continentes. São eles: cinco países da África (África do Sul, Egito, Nigéria, Tanzânia e Zimbábue), seis da Ásia (China, Filipinas, Índia, Indonésia, Paquistão e Tailândia) e 12 da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela).

Nesta década, os preços das carnes e dos cereais sofrerão, respectivamente, elevação de 30% e 20%, segundo o relatório Perspectivas para a Agricultura 2011-2020, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO).

Para evitar esse prognóstico, caberá investir mais no campo. Os preços altos das *commodities* afetam a cadeia alimentar, elevam os valores pagos pelos consumidores e pressionam a inflação. Os registros são alarmantes: o índice do Banco Mundial que mede o preço dos alimentos subiu 33% em julho quando comparado com o mesmo mês do ano passado. O valor chegou perto dos maiores níveis atingidos em 2008, com aumentos significativos nos preços do milho e do açúcar.